

O Funeral do Novo Banco – Crónica de um Assalto Consentido

Publicado em 2025-06-13 22:09:36

O FUNERAL DO NOVO BANCO CRÓNICA DE UM ASSALTO CONSENTIDO

“Portugal: país onde se nacionalizam prejuízos,
se privatizam lucros, e o povo bate palmas
sem saber que foi assaltado.”

Augustus Veritas

Por Augustus Veritas

Portugal enterra hoje, com pompa de mentira e silêncio de cemitério, mais um capítulo do seu saque institucionalizado: o **Novo Banco**, herdeiro direto do naufrágio fraudulento do BES, foi finalmente vendido. Não a preço de salvação, mas a troco da última gargalhada dos abutres sobre os ossos do contribuinte.

6,4 mil milhões de euros.

É o valor anunciado da venda ao grupo francês BPCE.
Valor sonante, capa de jornal, ar de milagre financeiro.
Mas, como sempre em Portugal, a verdade está nas entrelinhas — e cheira a podre.



O que entra nos cofres do Estado?

1,6 mil milhões de euros, apenas.

Porque o Estado detém 25% do banco (via Fundo de Resolução e

Direção-Geral do Tesouro).

Parece aceitável, até que recordamos a sangria:

O Estado — isto é, **o povo português** — **injetou mais de 8 mil milhões de euros** no Novo Banco ao longo dos últimos anos.

Em resumo?

Pagámos **8 mil milhões** e vamos receber **1,6 mil milhões**.

Perdemos **6.400 milhões de euros**.

E quem lucra?

O fundo norte-americano **Lone Star**, detentor de 75% da instituição.

Que entrou com apenas **1.000 milhões** e agora, na saída, vai buscar perto de **4.800 milhões**.

Um negócio redondo — **para eles**.

Uma tragédia redonda — **para nós**.

Um assalto legalizado, com fado de fundo

Chamaram-lhe "reestruturação".

Chamaram-lhe "solução de mercado".

Chamaram-lhe "inevitável".

Mas a verdade é que foi um **roubo em câmara lenta, com selo do governo e bênção da União Europeia**.

A cada prestação da casa que subiu, a cada serviço público que perdeu verbas,

— estava lá o Novo Banco.

A engolir o dinheiro que nos tiraram no IRS, no IVA, nas propinas, nas taxas moderadoras.

E hoje, em vez de justiça, temos um funeral.

Sem culpados.

Sem devolução.

Sem vergonha.

Onde está a justiça?

Em lugar nenhum.

Porque em Portugal, a justiça chega tarde, cansada — e raramente bate à porta dos ricos.

As comissões parlamentares servem para lavar a cara do sistema.

Os auditores nunca viram nada.

Os responsáveis? Reformados em paz ou promovidos a Bruxelas.

Isto não é uma venda. É o fecho do ciclo da impunidade.

O Novo Banco, supostamente "bom", foi desde o início um **saco sem fundo**.

Um instrumento de drenagem do erário público para sustentar perdas privadas, más decisões e criminalidade financeira com luvas brancas.

Hoje termina a operação com um símbolo cravado no peito da nação:

Portugal: país onde se nacionalizam prejuízos, se privatizam lucros, e o povo bate palmas sem saber que foi assaltado.

**Mas há quem veja.
Há quem escreva.
Há quem fale.
Há quem não se cale.**

E enquanto houver voz, haverá memória.
E onde houver memória, pode nascer a mudança.

**Crónica escrita por *Augustus Veritas*
Em memória dos 6.400 milhões perdidos – e da dignidade por recuperar.**

**“O Novo Banco foi o saco sem fundo onde despejámos os nossos impostos e as nossas ilusões.
A venda agora anunciada é apenas o selo final de um assalto consentido:
os abutres lucram, o povo paga — e ninguém responde.
Portugal, país onde a impunidade é política de Estado.”**

— Augustus Veritas
